

Carta do Gestor / agosto 2026

Internacional

Em relação ao cenário internacional, em que pesam os conflitos geopolíticos e, por consequência, os preços do petróleo bastante pressionados, o mês de agosto não trouxe alívios. Ao contrário, as taxas de juros longas nos países mais avançados subiram e alcançaram níveis há muito não vistos. Mas, com a resiliência da economia norte-americana, lá a bolsa subiu. No Brasil, o dólar se valorizou frente ao real, a bolsa caiu levemente, mas os juros futuros cederam.

Na zona do Euro, a agência Eurostat divulgou que a taxa de inflação anualizada do consumidor se elevou dos 2,90% registrados em julho para 3,30% em agosto, ainda longe da meta fixada pelo Banco Central Europeu (BCE), que é de 2,00%. Os preços da energia, por conta dos conflitos no Oriente Médio, foram os maiores responsáveis pela alta. Já a taxa de desemprego em julho foi de 6,40%, com cerca de 11,26 milhões de pessoas sem trabalho.

Nos EUA, de acordo com o Departamento do Trabalho, a inflação anualizada do consumidor permaneceu sendo de 3,40% em agosto, conforme o esperado, mas ainda muito distante da meta do FED, que também é de 2,00%. O Departamento do Trabalho ainda anunciou que, em agosto, foram criados 162 mil novos postos de trabalho não rurais, quando se esperava a criação de cerca de 56 mil. A taxa de desemprego permaneceu em 4,10%.

Já na China, em agosto, a inflação anualizada do consumidor foi de 0,80%, conforme o esperado, por conta da alta dos preços dos transportes, vestuário, saúde e educação.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram agosto de 2026 no patamar de 3,15% a.a., encerraram o mês em 3,32% a.a., a maior taxa dos últimos 15 anos, e os juros dos títulos de 10 anos do tesouro norte-americano, que, no início do mês, rendiam 4,68% a.a., subiram para 4,76% a.a. no final. Quanto à bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a valorização em agosto foi de 2,62% e passou a acumular alta de 12,28% no ano.

Brasil

De acordo com o IBGE, a inflação do consumidor em agosto de 2026, medida através do IPCA, apresentou variação negativa de 0,32%, a maior deflação em 4 anos. Assim, passou a acumular alta de 3,11% neste ano e de 4,22% em doze meses, abaixo do teto da meta do Conselho Monetário Nacional, que é de 4,50%. O maior responsável pela variação negativa do índice foi o grupo Habitação, por conta da queda dos preços da energia elétrica, seguido do grupo Alimentação e Bebidas.

Ainda conforme o IBGE, o PIB do Brasil no segundo trimestre de 2026 cresceu 0,50% frente ao trimestre anterior e 2,00% frente ao mesmo período do ano anterior. Enquanto a agricultura avançou 6,80% na comparação anual, a indústria teve alta de 1,50% e o setor de serviços também de 1,50%.

No setor externo, a balança comercial do país teve em agosto superávit de US\$ 7,40 bilhões. No ano acumulou saldo positivo de US\$ 55,30 bilhões. O dólar, por sua vez, se valorizou 2,05% frente ao real, acumulando queda de 5,83% no ano e de 4,51% em doze meses.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa recuou 0,33% em agosto e passou a acumular alta de 10,11% no ano. O saldo do fluxo de capital estrangeiro para a B3 foi fortemente negativo em R\$ 18,10 bilhões. No ano o saldo é positivo em R\$ 22,90 bilhões.

Em relação ao mercado de crédito, de acordo com o documento Estatísticas Monetárias e de Crédito, divulgado mensalmente pelo Banco Central do Brasil, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) somou R\$ 7,40 trilhões em julho de 2026, com alta de 0,30% no mês. Houve queda de 0,70% nas operações de crédito com pessoas jurídicas, que alcançaram R\$ 2,70 trilhões e avanço de 0,80% nas operações com pessoas físicas que totalizaram R\$ 4,60 trilhões.

Perspectivas Cenário Macro

O cenário geopolítico deverá continuar sendo o principal canalizador das decisões que envolvem os mercados financeiros e de capitais ao redor do globo. Em um momento em que os principais países do mundo lutam para controlar os seus déficits fiscais, os preços da energia pressionam a inflação, o que acarreta políticas monetárias mais restritivas. Já no mês de setembro, o banco central norte-americano, o FED, decidiu por unanimidade elevar a taxa básica de juros da faixa entre 3,50% e 3,75% a.a. para a faixa entre 3,75% e 4,00% a.a., conforme já era esperado pelo mercado. Em entrevistas para a imprensa, a maioria dos diretores e o presidente da instituição disseram esperar a mesma taxa de juros para o final de 2027.

No Brasil, onde as eleições presidenciais no final do ano afetam fortemente os mercados, o Copom, no mesmo dia da reunião do FED, decidiu por unanimidade reduzir a taxa Selic de 14,00% para 13,75% a.a., fato que também já era esperado pelo mercado. Já no comunicado, a instituição afirmou que a decisão levou em consideração a desaceleração da inflação e a sua convergência para a meta. Em relação aos próximos passos, afirmou que “o Comitê segue acompanhando como os desenvolvimentos da política fiscal doméstica impactam a política monetária e os ativos financeiros, reforçando a política de cautela em cenário de maior incerteza”.